

NIEMEYER E O ATLÂNTICO: DUAS NARRATIVAS COSTEIRAS

NIEMEYER AND THE ATLANTIC: TWO COASTAL NARRATIVES

Cláudia Costa Cabral¹

RESUMO: Projetadas por Oscar Niemeyer entre 1965 e 1967, Pena Furada (Algarve) e Guarujá (São Paulo) foram duas propostas para urbanizações turísticas costeiras, situadas a ambos os lados do Atlântico. O trabalho confronta os memoriais descritivos desses estudos, identificando a presença de estruturas narrativas análogas. As propostas são variantes de uma certa ideia de cidade moderna, cujos componentes tipológicos podem ser descritos como objetos, até certo ponto, universais e intercambiáveis, dispostos sobre um verde tão abundante quanto indiferenciado. As virtudes do chão livre, do terreno inalterado, das áreas verdes preservadas, são claramente enunciadas e reiteradas como parte de um raciocínio de projeto. O mar, ao contrário, é um personagem implícito, porém essencial em ambas as narrativas e, de certo modo, o seu verdadeiro protagonista.

PALAVRAS-CHAVE: Oscar Niemeyer; urbanismo moderno; urbanizações litorâneas; natureza; narratividade.

ABSTRACT: Designed by Oscar Niemeyer between 1965 and 1967, Pena Furada (Portugal) and Guarujá (São Paulo) were two proposals for coastal tourist resorts, located on both sides of the Atlantic Ocean. The paper confronts the records of these studies, showing the presence of similar narrative structures. Both proposals depart from modern urbanism. The typological components of the plan can be described as objects, to some extent, universal and interchangeable, surrounded by plentiful, however undifferentiated, green areas. The virtues of the free floor, the unchanged terrain, the preserved green areas, are clearly enunciated and reiterated as part of Niemeyer's design reasoning. The sea, on the contrary, acts as a sort of implied, but not less important character in both narratives, and in a certain way, its true protagonist.

KEYWORDS: Oscar Niemeyer; modern urbanism; coastal urbanization; nature; narrativity.

Eu pego a caneta, um edifício aparece, e não há mais nada a dizer.

Oscar Niemeyer, 2007

Meu trabalho é procurar a solução arquitetônica. E, quando ela aparece e a desenho, começo a redigir um texto explicativo. E, se, ao lê-lo, os argumentos me parecem frágeis, volto à prancheta: é a minha prova dos nove.

Oscar Niemeyer, 2005

¹ Cláudia Costa Cabral é Doutora em Arquitetura pela Escola Tècnica Superior d'Arquitectura de Barcelona, Universitat Politècnica de Catalunya. Professora Associada do Programa de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. claudiacostacabral@gmail.com

Aparentemente conflitantes, as duas afirmações acima procedem do mesmo autor, Oscar Niemeyer. A primeira, muitas vezes reproduzida, provém de uma entrevista concedida ao jornal inglês *The Guardian* (GLANCEY, 2007; DUSHKES, 2012, p. 12). A segunda é de seu próprio livro, *Minha Arquitetura* (NIEMEYER, 2005, p. 105). Numa, Niemeyer desacredita o texto perante o desenho. Na outra, as palavras não são alheias, mas inerentes, ao aparato mental que lhe permite projetar. Esse artigo examina a relação entre projeto e narrativa na obra de Oscar Niemeyer, através de dois estudos urbanísticos para sítios à beira-mar: a Urbanização de Pena Furada, para o Algarve português (figs. 1-3), e a Urbanização do Guarujá, para o litoral paulista (figs. 4-7).

Separados por um oceano, esses estudos foram, entretanto, bastante próximos no tempo, e similares no programa. Projetados por Niemeyer entre os anos de 1965 e 1967, ambos foram urbanizações turísticas costeiras, comparáveis em relação aos sítios que deveriam ocupar, duas mesetas de beleza espetacular debruçadas sobre o Atlântico. Talvez porque nenhum nem outro tenha saído do papel, pouca atenção tem sido prestada a cada um deles em separado, e nenhuma à possibilidade de alguma articulação crítica entre ambos. O problema que o trabalho pretende colocar começa justamente no papel, ou seja, no confronto com os registros gráficos correspondentes a esses projetos. Os estudos para as urbanizações costeiras do Algarve e do Guarujá são comparáveis pela presença de estruturas narrativas análogas, reconhecíveis no exame dessa documentação.

Aparentemente, esses projetos se detiveram no nível do estudo preliminar, nunca evoluindo para projetos executivos. Assim, a documentação gráfica disponível é, toda ela, da lavra de Oscar Niemeyer. Tanto no estudo para Pena Furada quanto no estudo para o Guarujá, essa documentação compreende um conjunto de páginas redigidas a mão, ilustradas por pequenos diagramas e croquis. O traço comum é a existência de uma estrutura narrativa que não depende exclusivamente da palavra escrita, mas sim de um entrelaçamento, entre argumentos textuais e desenhos.

As propostas são variantes de uma certa ideia de cidade moderna. Os seus componentes tipológicos podem ser descritos como objetos, até certo ponto, universais e intercambiáveis, dispostos sobre um verde tão abundante quanto indiferenciado. As virtudes do chão livre, do terreno inalterado, das áreas verdes preservadas, são claramente enunciadas e reiteradas como parte de um raciocínio de projeto. O mar, ao contrário, é um personagem implícito, porém essencial em ambas as narrativas e, de certo modo, o seu verdadeiro protagonista.

NO MAR PORTUGUÊS: URBANIZAÇÃO DE PENA FURADA, ALGARVE, 1965-66

Até 1960, “o Algarve é térreo” – observa Sérgio Palma Brito – e o turismo estrangeiro na região, irrelevante. É somente com a construção do aeroporto de Faro, em 1962,

que o Algarve se integra à bacia turística alargada do Mediterrâneo, reforçando sua posição no mercado internacional de turismo e na demanda ibérica (BRITO, 2009, p. 48; p. 88). O encargo de Pena Furada é simultâneo ao intenso processo de povoamento turístico do Algarve, fomentado pela decisão política de construir o aeroporto e melhorar a acessibilidade da região, a partir da década de sessenta.

É sabido que o estudo para a urbanização turística de Pena Furada foi encarregado a Niemeyer pela empresária portuguesa Fernanda Pires da Silva, líder do Grupo Grão-Pará, no ano de 1965 (SOARES; NÓBREGA; HENRIQUES, 2012). As circunstâncias do encargo coincidem com a abertura da exposição *Oscar Niemeyer, l'architecte de Brasília* no Palácio do Louvre, uma das razões para a viagem de Niemeyer à Europa em junho de 1965. A outra era tratar do projeto da Universidade de Haifa, em Israel. Segundo recorda Niemeyer em seu *Quase Memórias: Viagens. Tempos de entusiasmo e revolta 1961-1966*, quase 30.000 pessoas visitaram a retrospectiva de sua obra, e, entre elas, Juscelino Kubitschek, exilado na Europa desde o golpe militar de 1964 (NIEMEYER, 1968, p. 54-55). São por demais conhecidas as relações entre a trajetória arquitetônica de Niemeyer e a carreira política de Juscelino Kubitschek. Como prefeito de Belo Horizonte, Juscelino confiou a Niemeyer o conjunto da Pampulha em 1940; como governador de Minas Gerais, o conjunto JK em Belo Horizonte e o hotel em Dimantina, entre outras obras. Como presidente, lhe ofereceu Brasília. É possível que o convite para o Algarve tivesse a ver também com Juscelino. Fernanda Pires da Silva havia vivido no Brasil, era amiga de Juscelino, e foi quem possibilitou a sua mudança para Lisboa, durante o exílio, oferecendo-lhe uma posição de diretor em suas empresas.

Niemeyer visitou o Algarve antes de retornar ao Brasil, em outubro de 1965, e finalizar o estudo (NIEMEYER, 1968, p. 57). A documentação do projeto compreende um Memorial Descritivo assinado no Rio de Janeiro em março de 1966; um plano geral à escala 1:4000; esboços dos edifícios; fotografias de uma maquete do conjunto.

Uma página inicial, intitulada “Explicação necessária”, e anterior ao memorial propriamente dito, presta alguns esclarecimentos sobre o escopo geral do projeto, salientando o seu caráter preliminar. Essa página traz um mapa esquemático, esboçado por Niemeyer, indicando a forma e a localização do terreno: uma faixa de terra estendida entre o oceano Atlântico e a estrada que conduz ao Cabo de São Vicente e ao Pontal de Sagres, no extremo sul do Algarve. As características físicas do sítio – sua configuração mais profunda que larga, a topografia relativamente acidentada – demandavam certas estratégias para melhor aproveitar e preservar a paisagem costeira. Um vale central atravessa o terreno no sentido perpendicular ao mar, demarcado a ambos os lados por elevações naturais, mais importantes ao norte. A primeira linha de mar é bastante mais curta que os quase 3 km de profundidade do

território a urbanizar, enquanto a declividade natural do terreno, a ambos os lados do vale, é tanto um potencial paisagístico, quanto um fator limitador.

O Memorial Descritivo é inteiramente redigido a mão, e contém uma série de diagramas e croquis, todos eles numerados e sistematicamente conectados ao texto. Esses desenhos não são meras ilustrações ao texto, mas constituem o fio narrativo que o controla. “O projeto que apresentamos” – escreve Niemeyer – “se adapta à topografia do terreno de Pena Furada, aproveitando os contrastes surpreendentes que este lugar oferece” (NIEMEYER, 1966, p. 5). Os três primeiros desenhos são diagramas panorâmicos. Mostram o terreno por inteiro, e destinam-se a explicar os critérios gerais para a definição da proposta (fig. 1). O primeiro diagrama ilustra o que não fazer: a pulverização de pequenas edificações sobre toda a superfície do terreno. O segundo diagrama mostra o critério a ser adotado: a concentração das edificações em um número limitado de grupos autônomos, dispostos de modo a evitar as áreas em declive, e deixar intactas vastas superfícies vegetadas, preservando “as características de amplitude e beleza que valorizam o terreno” (NIEMEYER, 1966, p. 5). O terceiro esquema define o sistema circulatório, uma estrutura arbórea ocupa o vale central, adaptando-se às curvas de nível, e evitando as áreas em declive. “Uma via principal corta o terreno em direção ao mar” – explica Niemeyer – “dela partindo as vias secundárias que servem aos diversos setores” (NIEMEYER, 1966, p. 5). Com respeito à salvaguarda da paisagem natural, a estratégia do plano não será, portanto, minimizar e multiplicar as massas construídas, na expectativa de que isso facilite sua assimilação ao cenário local. Numa proposição inversa, a estratégia do plano será trabalhar com grandes peças urbanas, ou formar conjuntos visualmente identificáveis a partir de pequenas peças, que de fato destacam-se sobre a paisagem natural.

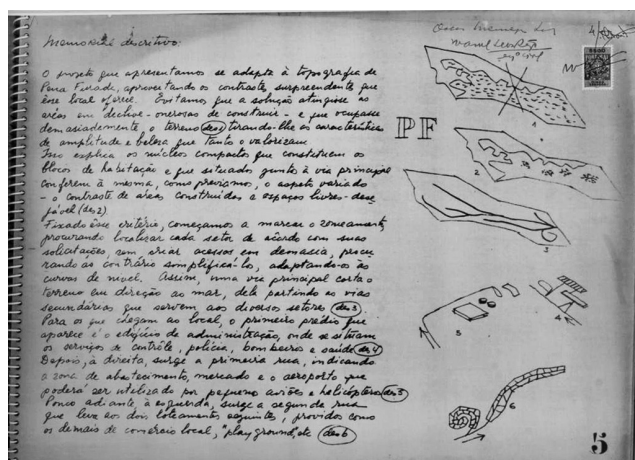


Fig. 1. Memorial descritivo (página 5). Urbanização de Pena Furada, 1965. Fundação Oscar Niemeyer. © Niemeyer, Oscar / AUTVIS, Brasil, 2018.

A maquete e o plano geral mostram como os lotes para casas individuais fracionam-se ao longo de quatro séries independentes (entre 50 e 160 lotes), que se estendem sobre o terreno como longas folhas vegetais, ou fecham-se em espirais. As casas do “tipo mediterrâneo” – casas geminadas em que pátios e vivendas se alternam – organizam-se em três cintas curvas. Às formas serpentinadas e distendidas que caracterizam as zonas de vivendas unifamiliares, opõem-se as formas urbanas mais rigidamente estruturadas e compactas dos setores de apartamentos e “*service flats*”, ordenados em conjuntos de barras paralelas de dois e quatro andares, combinados a placas de 15 pavimentos, dispostas perpendicularmente aos blocos baixos.

Porém, loteamentos sinuosos e composições disciplinadas pelo ângulo reto são duas caras de um mesmo proceder, que reconhece, no plano de conjunto, o seu instrumento principal de investigação. Como assinalou Colin Rowe, o ângulo “não visual” da “abstrata” panorâmica aérea é o ponto de vista essencial para tornar inteligível a totalidade da composição moderna (ROWE, 1950, p. 297).

Entretanto, a estrutura narrativa do memorial introduz outros pontos de vista, como ferramentas de estudo. Na proposta para o Algarve, não é de menor importância a decisão de organizar o plano a partir do caminho principal – que conduz ao mar –, respondendo à configuração mais profunda que larga do terreno. A narrativa adota a perspectiva de um observador avançando em direção ao mar, e os desenhos seguintes apresentam-se como uma sequência de enquadramentos (fig. 2). A linha do horizonte é fixada, bem como o “V” invertido que representa a rua. Sobre essa base comum, Niemeyer retrata cinco situações distintas. A primeira mostra o “espaço livre e arborizado” que pretende preservar (NIEMEYER, 1966, p. 6). A segunda anuncia o primeiro conjunto de edifícios de apartamentos, com os blocos baixos paralelos à via, e as placas de 15 andares emergindo perpendicularmente a esses, do lado direito. De acordo com Niemeyer, esse seria “um momento de surpresa para os visitantes, como se uma pequena cidade – moderna e civilizada – se aproximasse” (NIEMEYER, 1966, p. 6). A expressão “se aproximasse” merece ser notada: já que edifícios são fixos, ela só faz sentido se estiver implícita uma experiência de movimento, seja por parte de um observador dentro de um carro, ou mesmo através de uma câmara, como no cinema. O terceiro quadro não traz nenhum edifício. Segundo explica Niemeyer, transposto o primeiro conjunto de edifícios, “reaparecem os campos, a natureza esplêndida que o projeto procura preservar” (NIEMEYER, 1966, p. 6). No quarto quadro, o observador é confrontado com o segundo grupo de edifícios altos, que se erguem perpendiculares ao caminho, conectados no chão por restaurantes e serviços comuns.

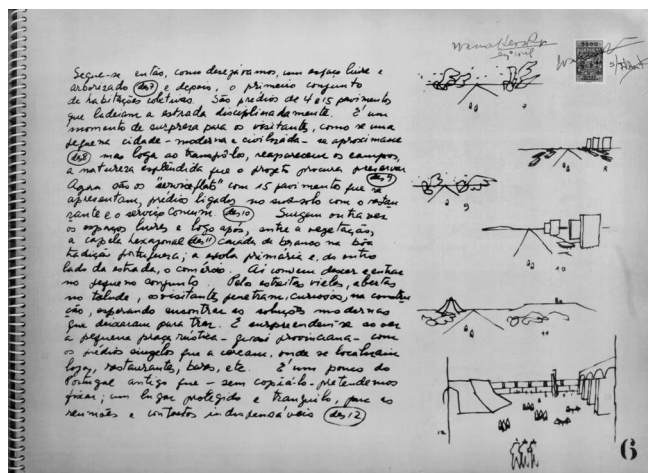


Fig. 2. Memorial descritivo (página 6). Urbanização de Pena Furada, 1965. Fundação Oscar Niemeyer. © Niemeyer, Oscar / AUTVIS, Brasil, 2018.

É importante notar o modo como esses desenhos se dispõem no corpo da página. Os alinhamentos se alternam entre esquerda e direita, na coluna das imagens, opondo os desenhos que se referem ao espaço aberto aos desenhos que retratam grupos de edifícios, numa espécie de movimento iterativo entre os dois lados do problema – áreas verdes e edifícios –, sugerindo um entendimento da paisagem como uma construção rítmica, onde natureza e arquitetura são temas igualmente dominantes (fig. 2).

No desenho seguinte, que ocupa toda a largura da coluna, a amplitude do espaço livre é outra vez assegurada, pontuada pela capela hexagonal instalada à esquerda, em meio à natureza, “caiada de branco na boa tradição portuguesa” (NIEMEYER, 1966, p. 6). Duas pequenas marcas à direita antecipam o quadro seguinte. Elas correspondem ao topo de um elemento escultórico, vertical, posicionado num ângulo da praça semienterrada, retratada no quadro seguinte. “Aí convém descer” – adverte Niemeyer – “e entrar no pequeno conjunto”; baixando por estreitas vielas, abertas no talude, esperando encontrar “as soluções modernas que deixaram para trás”, os visitantes se surpreenderiam com “a pequena praça rústica, quase provinciana”, cercada por bares e restaurantes, “um pouco do Portugal antigo que – sem copiá-lo – pretendemos fixar; um lugar protegido e tranquilo para as reuniões e contatos indispensáveis” (NIEMEYER, 1966, p. 6). Por outro lado, esse desenho explica também algo sobre o anterior. Agora se sabe que a linha horizontal, ao fundo do primeiro, não é um traço natural da paisagem, mas o contorno da praça semienterrada. A correspondência entre capela e centro

comercial, simetricamente dispostos, segundo o plano, a ambos os lados do caminho, é revista na experiência do trajeto. A capela, que se vê pequena na planta, emerge na paisagem como uma forma singular, enquanto as proporções do centro comercial são atenuadas pela solução semienterrada (fig. 2).

Daí por diante, o caminho se bifurca. O próximo diagrama mostra o clube e equipamentos esportivos, instalados entre os braços que se formam (fig. 3). O braço direito passa por um dos loteamentos, pelas sequências de casas “tipo mediterrâneo”, retratadas nos esboços seguintes, e culmina no hotel. “Pela forma diferente com que foi projetado” – explica Niemeyer –, o hotel “será um elemento de atração e propaganda para o empreendimento” (NIEMEYER, 1966, p. 7). Previsto como um grande bloco, um cilindro de vidro de 40 pavimentos, o hotel será, além disso, um elemento arquitetônico de conexão física entre a meseta e a praia. O outro caminho leva ao último loteamento, e aproveitando as curvas de nível, contorna a cabeceira do terreno, descendo até o clube náutico, e chegando, também, até a praia.

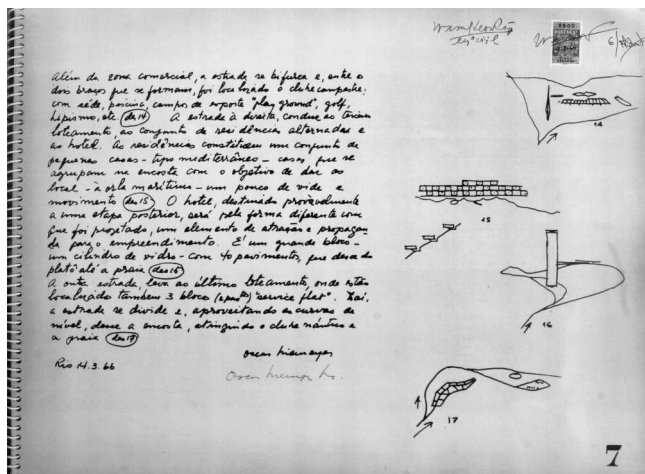


Fig. 3. Memorial descritivo (página 7). Urbanização de Pena Furada, 1965. Fundação Oscar Niemeyer. © Niemeyer, Oscar / AUTVIS, Brasil, 2018.

É apenas por meio dessa estrutura narrativa, que conjuga, de modo particular, texto e desenho, que se torna evidente a existência de uma rota controlada, em que objetos arquitetônicos, aparentemente genéricos (barras, placas, torres), qualificam-se como lugares específicos, da praça comunitária desenhada na tradição ibérica ao hotel icônico. Essa rota tem um sentido e uma direção. Ela propõe uma experiência da paisagem de Pena Furada como uma aproximação realizada desde a terra para a costa. O encontro com o mar é, portanto, o ponto culminante da narrativa (fig. 3).

O Memorial Descritivo assinado por Niemeyer no Rio de Janeiro, em agosto de 1967, tem por título “Urbanização na ilha, São Paulo”. De fato, o projeto estava geograficamente localizado na Ilha de Santo Amaro, na costa paulista. A exploração turística da região teve início no final do século XIX, favorecida pelo acesso ferroviário entre o litoral e o planalto paulista, e pelo desenvolvimento econômico de São Paulo. A partir de inversões da Companhia Prado Chaves, exportadora de café, efetivou-se a primeira ocupação balneária, com a inauguração da praia do Guarujá em 1893 (DIAS, 2003; MARINO, 2017, p. 4). A construção da via Anchieta (finalizada em 1953), ligando a Baixada Santista a São Paulo, contribuiu para o adensamento e verticalização do Guarujá, satisfazendo a uma demanda turística crescente. O terreno para o qual Niemeyer desenvolveu uma proposta de urbanização corresponde a uma área no bairro Balneário Santa Fé, próximo à Praia do Éden, ainda hoje não totalmente urbanizada.

O estudo para o Guarujá tem um feitiço semelhante àquele produzido para o Algarve. Compreende também um texto escrito à mão, ao qual estão associados pequenos diagramas explicativos, acrescentados de duas perspectivas aéreas do conjunto, além de esboços referentes aos edifícios (plantas, cortes, vistas internas). Ao contrário de Pena Furada, não há fotografias de maquete, e o plano de conjunto é desenhado à mão livre, na escala 1:2500.

Embora referente a uma área menor, a topografia do terreno impõe ao projeto do Guarujá dificuldades maiores que aquelas encontradas no Algarve. Em Pena Furada, a meseta tinha pouca orla de praia, mas dispunha de um vale central com suficientes áreas planas. No Guarujá, as áreas planas ou bem estão circunscritas ao pequeno platô conformado no ponto mais alto do terreno, sobre a colina, ou bem se reduzem ao braço de terra junto à linha da costa, generoso no comprimento, mas pouco profundo, que termina num pontal. Os desenhos que acompanham o memorial têm, a princípio, menos a ver com a perspectiva do observador, que com uma explicação do projeto a partir dessas condições topográficas. Mesmo assim, a questão do movimento sobre o terreno não será menos central na montagem da sequência narrativa (fig. 4).

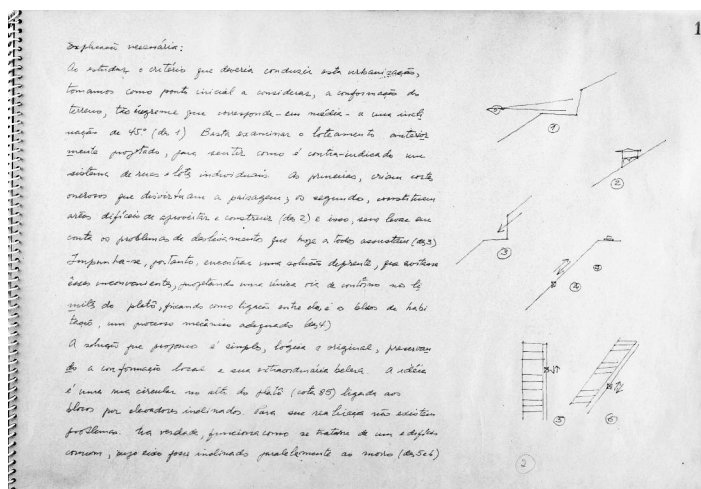


Fig. 4. Memorial Descritivo (página 1). Urbanização do Guarujá. Fundação Oscar Niemeyer. © Niemeyer, Oscar / AUTVIS, Brasil, 2018.

A declividade do terreno é a base sobre a qual se montam todos os diagramas da primeira página. Os três primeiros diagramas demonstram a inclinação de 45° da colina, em suporte à contraindicação de um “sistema de ruas e lotes individuais”. As ruas são inadequadas porque “criam cortes onerosos que desvirtuam a paisagem”, e os loteamentos pouco recomendáveis, porque “constituem áreas difíceis de aproveitar e construir” (NIEMEYER, 1967, p. 1). Desse modo, ao contrário de Pena Furada, não haverá fracionamentos para a construção futura de casas.

O quinto e o quarto diagramas introduzem a solução escolhida, baseada num sistema de movimento mecânico, com elevadores que vencem a diferença entre a cota zero da costa e a cota 85 correspondente ao platô. “A ideia é uma rua circular no alto do platô” – explica Niemeyer – “ligada aos blocos por elevadores inclinados” (NIEMEYER, 1967, p. 1). Os diagramas subsequentes, na segunda página, mostram como o conjunto se arma a partir dessa lógica: primeiro se desenha a via circular sobre o platô; depois se indica como ela se conecta com os três cais de acesso na base do terreno, através do sistema de elevadores; a seguir, se dispõem os dez blocos sinuosos de habitação coletiva, que partem do caminho do elevador e se adaptam à conformação da encosta, na direção das curvas de nível (fig. 5). Esses blocos comportam apartamentos do tipo duplex, e não superam os quatro pavimentos de altura.

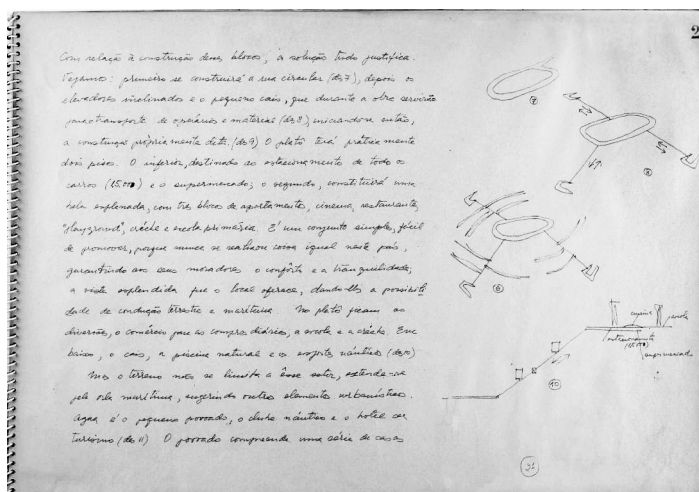


Fig. 5. Memorial Descritivo (página 2). Urbanização do Guarujá. Fundação Oscar Niemeyer. © Niemeyer, Oscar / AUTVIS, Brasil, 2018.

Nessa mesma página, o último desenho é um corte esquemático do terreno, representando os blocos de apartamentos e o elevador sobre a encosta, e introduzindo as ideias para a configuração do platô. “No platô ficam as diversões, o comércio para as compras diárias, a escola e a creche”, explica Niemeyer (1967, p. 2). A proposta é construir no topo da colina uma plataforma de dois pisos. O primeiro piso é ocupado por estacionamentos e supermercado. Já o segundo configura a “bela esplanada” de perímetro ondulante, onde se encontram os equipamentos públicos, tais como cinema, restaurante, playground, creche e escola. Sobre essa plataforma se levantam ainda três blocos de apartamentos de vinte andares, similares aos blocos da encosta na forma curva, porém de muito maior altura e menor comprimento (fig. 5).

Mas, segundo adverte, o terreno não se limita a esse setor, alcançando a orla marítima e, como tal, “sugerindo outros elementos urbanísticos” (NIEMEYER, 1967, p. 2). Esses serão anunciados como setores distintos, numa mesma perspectiva de conjunto. “Agora é o pequeno povoado, o clube náutico e o hotel de turismo” – escreve – que irão, cada um por sua parte, conformar o braço plano do terreno, junto à costa. Em primeiro lugar, apresenta o “povoado”. Ele compreende uma série de “casas alternadas”, unidades superpostas com jardins privativos, “brancas e pitorescas como as casas mediterrâneas” (aliás, pelos esboços correspondentes aos edifícios que complementam o estudo, sabemos que idênticas às “casas mediterrâneas” de Pena Furada) (NIEMEYER, 1967, p. 3). Esse núcleo é complementado pelo cais e

pelo clube náutico. Por último, se apresentam o hotel e o cassino, instalados sobre uma segunda plataforma, essa retangular, que atravessa a cabeceira do pontal, na parte mais baixa do terreno. O hotel, com 32 andares, apresenta em planta a mesma curvatura dos blocos altos do platô. O cassino é um bloco baixo, de forma circular, que se projeta em balanço além da plataforma, sobre a linha da costa (fig. 6).

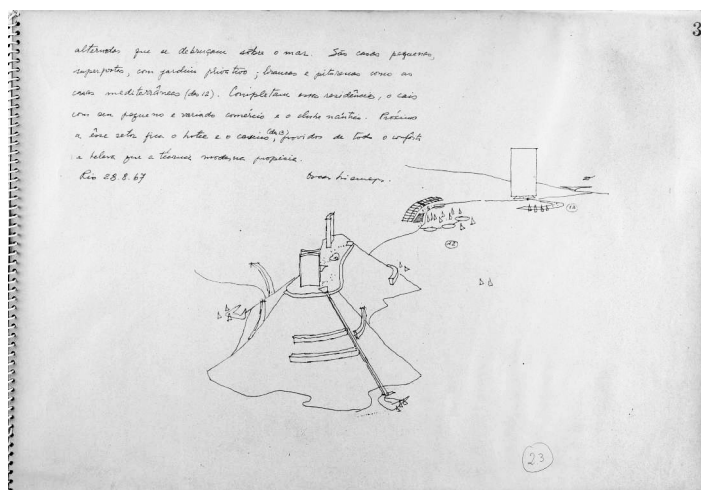


Fig. 6. Memorial Descritivo (página 3). Urbanização do Guarujá. Fundação Oscar Niemeyer. © Niemeyer, Oscar / AUTVIS, Brasil, 2018.

Aqui também Niemeyer emprega um mecanismo narrativo. A ordem consecutiva dos desenhos ativa uma certa experiência da paisagem marítima, como um fundamento importante do projeto. No estudo para o Guarujá, a via de acesso contorna o terreno sempre pelo lado oposto à costa, conectando as duas plataformas, uma na colina, outra no pontal. Não é essa espinha dorsal circulatória, e o movimento do carro, como em Pena Furada, que Niemeyer escolhe como fio da narrativa, mas outro tipo de movimento, que tem a ver com a configuração particular do terreno. Há uma contraposição entre a colina – parcela mais larga, porém íngreme – e a pequena baía, que funciona como seu negativo, contornada pelo braço de terra que termina no pontal. A vasta extensão disponível de perímetro costeiro não representa uma possibilidade equivalente de ocupação, dado o obstáculo da declividade na primeira, e a estreiteza da faixa de terra, na segunda. O que a articulação entre os desenhos sugere é um certo movimento pendular, que se estabelece primeiro na colina, entre costa e platô – água e céu –, mas também entre a colina e o pontal, como dois acidentes geográficos opostos na paisagem.

A sequência de diagramas é conduzida pelas linhas de movimento em direção ao mar, assinaladas pelo curso dos elevadores, como a estrutura de organização

da colina que precede a sua ocupação (assim como o traçado das ruas precede os edifícios numa cidade). Além da mudança de ponto de vista entre base e topo, esse movimento descendente intensifica, na experiência da paisagem, o trânsito entre o platô “civilizado” (para tomar de empréstimo o termo usado por Niemeyer no Algarve), topo artificial, arquitetonicamente reconstruído, e a condição agreste da costa marítima, apenas tocada pelos cais.

Não por acaso, na perspectiva geral apresentada a seguir, tomada desde o mar, é a colina que aparece em primeiro plano, com a baía ao fundo (fig. 7). Porém, ela tem na perspectiva seguinte um contraponto. Desenhada à mesma escala, essa segunda vista mostra o conjunto desde o ângulo oposto, com o pontal no primeiro plano, e a colina ao fundo. Um sentido de oscilação entre colina e portal, revelado pela alternância de pontos de vista entre as duas perspectivas, acentua os nexos paisagísticos das operações arquitetônicas. Combinadas, as perspectivas asseveram o papel das duas plataformas construídas – uma sobre o platô, de bordas curvas, a outra sobre o pontal, de planta retangular, ambas arrematadas pelas respectivas placas curvas, de muitos pavimentos – como pontos máximos de tensão entre os elementos construídos, e entre esses e a paisagem; como lugares reconhecíveis na paisagem, mas também como lugares especiais para uma apreciação dessa mesma paisagem, aspectos inseparáveis da experiência.

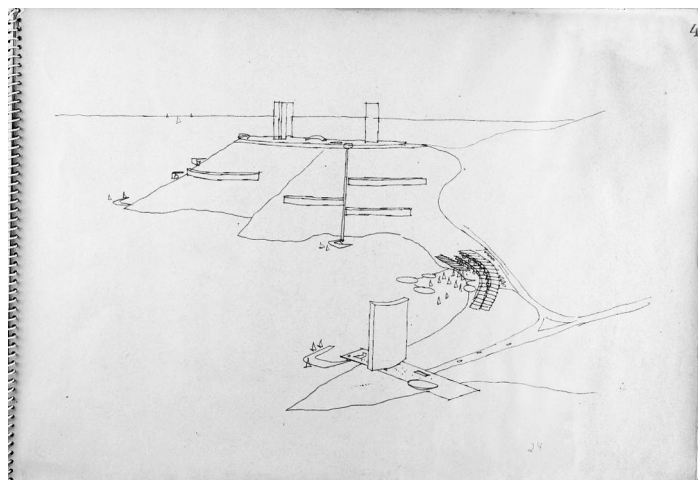


Fig. 7. Memorial Descritivo (página 4). Urbanização do Guarujá. Fundação Oscar Niemeyer. © Niemeyer, Oscar / AUTVIS, Brasil, 2018.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Anos mais tarde, ao apresentar na revista *Módulo* os projetos para as urbanizações de Grasse (1967), Dieppe (1972) e Villejuif (1978) – todas na França, a primeira delas contemporânea ao estudo para o Guarujá –, Niemeyer escreve:

Lia *Apointamentos de Viagem*, um velho livro de autor de minha preferência, quando iniciei este texto. Fiquei influenciado pela leitura, resolvi explicar as *zacs* de maneira diferente, como se já estivessem prontas, e eu, como o velho mestre, a percorrê-las curioso. (NIEMEYER, 1979, p. 76)

O autor do livro em questão não é mencionado, mas poderia tratar-se de *Apointamentos de Viagem*, de Joaquim de Almeida Leite de Moraes, publicado em 1882. Ao aproximar a apresentação de seus projetos do gênero literário do relato de viagem, Niemeyer de certa forma reforça as relações possíveis entre concepção projetual e configuração narrativa. Os estudos para Pena Furada e Guarujá são antecipações de uma maneira particular de expor a própria arquitetura, como montagem e relato de uma experiência do espaço, que pressupõe um encadeamento narrativo. Seus memoriais poderiam estar, nesse caso, justamente colocados no “campo do contar” (RICOEUR, 1995, p. 70).

À primeira vista, a estratégia do Guarujá pode parecer distinta daquela empregada no Algarve, onde Niemeyer usa a geometria reguladora do ângulo reto para promover os trechos de “cidade moderna e civilizada” – como diz – em contraste com as formas mais relaxadas dos loteamentos para casas, ou episódios singulares, como o hotel, enquanto no Guarujá o bloco curvo é a peça arquitetônica ordinária. A despeito dessa diferença fisionômica, na realidade, Pena Furada e Guarujá compartilham princípios básicos comuns: a concentração das áreas construídas; a preservação de amplas áreas naturais; a caracterização de equipamentos públicos como lugares especiais; e, sobretudo, um pensamento sobre a paisagem muito mais integrador do que revela o exame exclusivo de planos e maquetes. Nomeadamente, o mar não tem, no texto dos memoriais, privilégio em relação aos outros elementos da natureza, como o verde abundante que se preserva, a topografia que não é interferida, o sol que se busca para as habitações.

É do ponto de vista da narrativa que a situação se inverte, e o mar se mostra um elo decisivo na cadeia de operações através das quais Niemeyer configura as relações entre arquitetura e paisagem. Em ambos os casos, o mar é o elemento dominante na montagem da sequência narrativa, mas de maneiras diferentes. No Algarve, é preciso persegui-lo. Tudo se arma ao longo do caminho que culmina na costa. A narrativa constrói uma percepção cumulativa das circunstâncias desse

caminho, cujo desfecho é o encontro com o mar. No Guarujá, o mar surge desde o princípio, ao sopé dos três elevadores que para ele correm. Onipresente, revela-se, simultaneamente, em todos os pontos de vista assumidos pela narrativa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRITO, Sérgio Palma. *Território e Turismo no Algarve*. Lisboa: Edições Colibri, Centro Internacional de Investigação em Território e Turismo no Algarve, 2009.
- CABRAL, Claudia Costa. Niemeyer y la costa lusitana: estudio para el Algarve, 1965. *Arquitectura importada y exportada en España y Portugal (1925-1975)*. Pamplona: T6 Ediciones, 2016, p. 13-20.
- _____. Niemeyer and the Portuguese Landscape. Notes on the Algarve, 1965. *OASE*, 98, p. 21-30, 2017.
- COMAS, Carlos Eduardo. Niemeyer Inatural. In: SEGRE, Roberto; AZEVEDO, Marlice; COSTA, Renato Gama-Rosa; ANDRADE, Inês El-Jaick (Org.). *Arquitetura+Arte+Cidade. Um debate internacional*. Rio de Janeiro: Viana & Mosley, 2010, p. 147-152.
- DIAS, Maurício Azenha. Arquitetura moderna na praia. Residências na Praia de Pernambuco, Guarujá. São Paulo, *Arquitextos*, n. 038.01, 2003. Disponível em: <<https://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/04.038/665>>. Acesso em: 28 maio 2017.
- DUSHKES, Laura (comp.). *The Architect Says. Quotes, Quips, and Words of Wisdom*. Princeton: Princeton Architectural Press, 2012.
- GLANCEY, Jonathan. Jonathan Glancey interviews architect Oscar Niemeyer. *The Guardian*, London, 1 ago. 2007. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/artanddesign/2007/aug/01/architecture>>. Acesso em: 18 jan. 2017.
- ISTOÉ DINHEIRO. O outro lado empresarial de JK. São Paulo, 11 fev. 2004. Disponível em: <www.istoedinheiro.com.br/noticias/economia/20040211/outro-lado-empresarial/16720.shtml> Acesso em: 19 out. 2015.
- MARINO, Carlos Eduardo Collet. Ócio e Lazer em São Paulo da Belle Époque. A vilegiatura marítima e a invenção do Guarujá enquanto balneário da metrópole (1890-1915). *Anais do XVII ENANPUR*, São Paulo: ANPUR, FAUUSP, IAUUSP, 2017, p. 1-20.
- NIEMEYER, Oscar. Conjunto Urbanístico de Pena Furada, 1966. Fundação Oscar Niemeyer. Coleção Oscar Niemeyer. Disponível em: <www.niemeyer.org.br>. Acesso em: 07 maio 2017.
- _____. Urbanização no Guarujá, 1967. Fundação Oscar Niemeyer. Coleção Oscar Niemeyer. Disponível em: <www.niemeyer.org.br>. Acesso em: 07 maio 2017.
- _____. *Quase Memórias: Viagens. Tempos de entusiasmo e revolta 1961-1966*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.
- _____. *Minha arquitetura 1937-2005*. Rio de Janeiro: Revan, 2005.
- NIEMEYER, Oscar; EMERY, Marc. 3 ZACs na França. *Módulo*, Rio de Janeiro, n. 53, p. 76-90, mar.-abr. 1979.

- RAMOS, Tania Beisl; MATOS, Madalena Cunha. Campos opostos: trabalhos e viagens de Viana de Lima no Brasil. In: Anais do 2º Seminário Docomomo Norte-Nordeste. Salvador: Docomomo Bahia, 2008.
- RICOEUR, Paul. *Tempo e narrativa*. Tomo II. Trad. Marina Appenzeller. Campinas: Papirus, 1995.
- ROWE, Colin. Mannerism and modern architecture. *The Architectural Review*. Londres, 641, p. 289-299, 1950.
- SOARES, Marisa; NÓBREGA, Tolentino; HENRIQUES, Ana. Portugal tem três projetos de Niemeyer na gaveta. *Público*. Lisboa, 6 dez. 2012. Disponível em: <<https://www.publico.pt/.../portugal-tem-dois-projectos-de-niemeyer-na-gaveta-1576412>>. Acesso em: 03 jun. 2015.

Recebido em 15.06.2017

Aceito em 12.12.2017